

"SOLO PARA VIALEJO": FEMINISMO E DENÚNCIA NA POESIA DE CIDA PEDROSA

Déborah Vitória de Souza Silva¹

O trabalho apresentado na sessão coordenada é parte da pesquisa de PIBIC recém-iniciada, sob a orientação da prof Dra Fernanda Galli, intitulada: “A Poesia Feminista de Cida Pedrosa: Efeitos de Denúncia e Resistência”, que analisa a poesia de Cida Pedrosa, uma renomada poetisa e ativista brasileira, e examina como o texto da autora denuncia a violência de gênero e trata as questões relacionadas ao gênero e feminicídio em sua obra. Além disso, a pesquisa conecta estudos discursivos e feministas para entender as perspectivas feministas contemporâneas e investiga como a poesia pode ser uma ferramenta de resistência contra a opressão das mulheres, promovendo a conscientização e a reflexão crítica sobre as estruturas de poder que perpetuam a violência de gênero.

Cida Pedrosa é uma figura inspiradora, através de sua poesia sensível e incisiva desafia as normas sociais opressivas que afetam as mulheres. Em suas obras, ela mergulha profundamente nas questões do feminismo e denuncia as diversas formas de violência que as mulheres sofrem diariamente. Sua poética nos convida a refletir sobre como a literatura e a poesia feministas têm desempenhado um papel crucial na conscientização e denúncia da violência contra as mulheres, ao mesmo tempo em que nos desafia a analisar as estruturas opressivas que fazem essa violência perpetuar..

Ao analisarmos as denúncias de Cida Pedrosa em sua poesia, exploramos como ela representa a violência de gênero, dá voz às experiências silenciadas e promove a conscientização e a resistência, como, por exemplo, no livro elegemos para nossa pesquisa - “Solo para vialejo”, vencedor do prêmio Jabuti de 2020. A análise se aprofunda na obra de Cida Pedrosa, destacando como sua poesia denuncia a violência de gênero, dando voz às experiências silenciadas e promovendo a conscientização e resistência. Um trecho específico do livro é explorado, revelando uma narrativa que aborda questões sociais como expectativas em relação ao comportamento das mulheres, a pressão para ser mãe solo após o abandono e a herança de dor transmitida para as gerações seguintes.

No campo da Análise do Discurso, a linguagem é considerada não transparente, cheia de nuances e possibilidades de interpretação. A AD vai além da simples transmissão de informações, considerando posicionamentos ideológicos, história, condições de produção e aspectos políticos. Na abordagem da Análise do Discurso (AD) francesa, o discurso é concebido como um resultado da ideologia, não sendo meramente uma expressão individual, mas uma manifestação ideológica tangível. Dessa forma, o discurso é percebido como um encontro entre a ideologia e a linguagem, uma vez que sua construção está

¹ Graduanda do 8º período em Letras Português - Licenciatura pela Universidade Federal de Pernambuco.

intrinsecamente ligada ao uso da língua. Segundo Orlandi (2015), é essencial compreender que não há discurso desvinculado do sujeito, e ambos, sujeito e discurso, mantêm uma conexão intrínseca com a ideologia. Na perspectiva da Análise do Discurso, a ideologia é compreendida como uma "representação" da conexão imaginária entre os indivíduos e suas circunstâncias reais, conforme delineado por Althusser (1987, p. 126).

Cida Pedrosa inovou a maneira de abordar o Brasil, e até mesmo sua própria história, por meio de um extenso e ambicioso poema. O recorte que aqui apresentamos trata de um período em que índigenas e negros buscavam refúgio no sertão, escapando dos invasores brancos com suas dolorosas prisões a bordo de navios. A narrativa evolui ao longo do tempo, incorporando fragmentos de memória e influências musicais, indo além das fronteiras dos manuais de antropologia ou sociologia. O livro não se propõe a abordar a temática feminista e de violência de gênero, mas emergem ecos da devassaladora opressão que as mulheres vivenciam há anos:

ela era linda e rica os pais donos da maior frota de caminhões de carga do lugar o baile só começava quando ela chegava trocava de roupa três vezes durante a festa dizem que para não suar namorava um rapaz de família e tudo era apenas são um dia o amor chegou sobre as muitas rodas de um caminhão do sul e a moça tocada pelo anjo azul entregou-se na boleia pernas e peito abertos ele logo partiu e ela grávida passou a viver da cozinha e da caridade alheia seu pai definiu e empobreceu de desgosto sua mãe foi contaminada pela tuberculose pela asma e de tão raquítica frágil e acamada criou grandes feridas nas costas ficou aos cuidados das beatas caridosas que a alimentavam e banhavam um dia a antiga moça incendiou o corpo com querosene e clareou sua dor pela cidade seu filho deu pra tocar guitarra e eu a vislumbrar nas suas mãos negras a melancodor (Pedrosa, 2019, p. 77).

A poesia de Cida Pedrosa, como explorada no livro "Solo para Vialejo", não se limita apenas à denúncia da violência de gênero, mas também se estende a uma profunda reflexão sobre as estruturas sociais que perpetuam essa violência. A análise do trecho específico, onde a protagonista enfrenta o abandono após engravidar, revela não apenas a tragédia pessoal, mas também lança luz sobre as expectativas sociais que moldam as vidas das mulheres.

A ideia de que "o baile só começava quando ela chegava" sugere a centralidade da figura feminina nas festas, destacando a pressão para corresponder a padrões de comportamento socialmente aceitos. A necessidade de trocar de roupa três vezes durante a festa para não suar ressalta a preocupação excessiva com a imagem, indicando as expectativas irrealistas e o escrutínio público enfrentado pelas mulheres. Isso levanta questões sobre como as mulheres são constantemente avaliadas e julgadas com base em normas estéticas e comportamentais.

O relacionamento da protagonista com um rapaz "de família" reflete as expectativas tradicionais impostas às mulheres em termos de escolha de parceiro. No entanto, a gravidez e o subsequente abandono sublinham as contradições entre as aparências sociais e a realidade enfrentada pelas mulheres, evidenciando as complexidades das relações de poder de gênero. Essa estrutura patrilínea resultou na desvalorização da mulher, privando-a do direito à propriedade e relegando-a ao status de um "objeto

valioso", submetido à posse do marido. Essa dinâmica reflete a concepção de bell hooks (2020) de que "não há amor onde há dominação". Essa afirmação ressoa com a perspectiva de Jung (2013, p. 193), que sustenta que, em contextos onde o poder domina, o amor é suprimido, enquanto a prevalência do amor implica na diminuição do poder. Essas considerações sugerem uma interconexão entre a desigualdade de gênero, a submissão da mulher e a ausência de um relacionamento saudável baseado no respeito mútuo.

A imagem da protagonista incendiando o próprio corpo com querosene e "clareando sua dor pela cidade" é simbólica e evoca uma sensação de purificação ou catarse. Isso pode ser interpretado como um ato de resistência, onde a mulher reivindica controle sobre sua própria narrativa e expressa sua dor de uma maneira que transcende as limitações impostas pela sociedade.

A referência ao filho que "deu pra tocar guitarra" revela uma continuidade da tragédia e da herança de sofrimento. A simbologia das "mãos negras" pode representar não apenas a herança física, mas também a carga emocional transmitida de uma geração para outra. A música, muitas vezes associada à expressão artística e resistência, destaca a capacidade das mulheres de transformar suas experiências dolorosas em formas de expressão poderosas.

Os sentidos que emergem nesta poesia instigam discussões sobre as expectativas sociais em relação ao comportamento das mulheres e a pressão de ser mãe solo após o abandono, temas que vão além da data de sua criação. A escrita de Cida traz à tona essa discussão de maneira natural. Pode-se afirmar que esse discurso possui um caráter crítico, pois expõe uma realidade que tende a ser negligenciada.

No campo da Análise do Discurso (AD), a linguagem não é transparente. Em vez disso, ela é cheia de nuances e possibilidades de interpretação. O que é dito nem sempre é exatamente o que realmente foi dito. Muitas vezes, o sentido é construído por meio de negações, afirmações e até mesmo pelo que não é dito. Os silêncios na linguagem podem ser tão reveladores quanto as palavras que escolhemos. Mas a AD vai além. Ela nos leva a entender que um texto não é apenas um conjunto de palavras organizadas para transmitir informações. Na verdade, ela funciona a partir de posicionamentos ideológicos, levando em consideração a história, as condições de produção e o político.

Nessa abordagem reflexiva, é viável conceber o texto como um espaço simbólico dinâmico, cujas fronteiras não se encerram em si mesmas, uma vez que ele estabelece conexões com o contexto circundante, outros textos e distintos discursos (INDURSKY, 2001, p. 28). Nesse sentido, a análise dos fragmentos literários não deve se restringir apenas aos elementos internos das obras, mas também deve contemplar sua relação com elementos externos, como o ambiente urbano, os significados, a história, a memória e o diálogo com outras produções literárias. Essa abordagem mais ampla proporciona uma compreensão mais abrangente da interação entre o texto e o seu entorno, destacando a influência recíproca entre a obra literária e o contexto que a circunda.



Nesta perspectiva, a poesia não é apenas um texto, mas uma materialidade simbólica a partir da qual temos os efeitos de sentido. Nossa análise, portanto, considera não apenas a materialidade linguística da poesia, mas sobretudo a sua relação com a sociedade, a história e o diálogo com outras obras. Nessa medida, o discurso poético pode contribuir para a construção de narrativas de resistência, empoderamento e transformação social. A interseção entre os estudos discursivos, feministas e a análise poética contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e oferece insights valiosos para a busca contínua da igualdade de gênero e justiça social.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 12. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. *In*: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (org.). **Práticas discursivas e identitárias**: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- PEDROSA, C. **Solo para Vialejo**. Recife: CEPE, 2019.